

**REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
CHANCHADA E CINEMA NOVO**

Rosângela de Oliveira Dias*

RESUMO:

As transformações econômicas ocorridas nos anos 50-60 no Brasil promoveram uma intensa industrialização e urbanização. A cidade do Rio de Janeiro foi “inchada” pela grande quantidade de migrantes em busca de emprego. O cinema produzido nos anos 50 e 60 tratou desta situação. As chanchadas nos anos 50 mostraram uma cidade hospitaleira e cosmopolita, onde o migrante tinha vez. Já o Cinema Novo dos anos 60 mostrou uma cidade onde a exploração do trabalhador e a miséria das favelas eram exibidas e denunciadas na tela. Pensar estes dois momentos do cinema nacional é o objetivo deste texto.

Palavras-chave: cinema-história, Cinema Novo, Chanchada

ABSTRACT:

The economic transformations that occurred in Brazil during the 1950 and 1960 promoted an intense industrialization and urbanization in the country. The city of Rio de Janeiro received an enormous quantity of migrants looking for jobs, a situation that changed the look of the city. The movies produced during that time dealt with this situation. The “chanchadas” of the 50s presented a cosmopolitan and welcoming city. The movies produced on the following decade, in a movement called Cinema Novo, denounced the exploration of the workers and the misery of the “favelas”. The goal of this essay is to analyze those two moments in the Brazilian movie industry.

Key-words: history-cinema, Cinema Novo, Chanchada

O objetivo deste texto é analisar como o cinema brasileiro dos anos 50 e 60 mostrou a cidade do Rio de Janeiro, traduzindo em som e imagens as aspirações e angústias de seus habitantes. O cinema possui características que o tornam capaz de refletir a sociedade em que foi produzido, através de uma narrativa produzida de forma coletiva. O caráter coletivo da produção cinematográfica permitiu ao sociólogo Siegfried Kracauer afirmar que os filmes refletiam a mentalidade de uma nação de

* Programa de Mestrado em História Social da Universidade Severino Sombra – Doutora em História Social

forma mais direta do que outro meio artístico, por não ser um produto individual engloba interesses e inclinações diversas eliminando, assim, peculiaridades individuais em favor de traços coletivos. (KRACAUER, 1988: 17)

O RIO NAS DÉCADAS DE 50 E 60

A década de 50 assinalou várias transformações na sociedade brasileira. Duas de fundamental importância: as intensas migração e industrialização. Em 1950 cerca de 5,2 milhões de brasileiros, 10% da população total do país viviam fora do seu estado de origem. Estes dois fatores apresentam-se imbricados; a migração interna decorreu do processo de industrialização ocorrido no Brasil dos anos 30 aos anos 60.

Entretanto, foi somente nos anos 50 que se implantou um núcleo básico de indústrias de bens de produção, redefinindo-se o papel econômico do estado, transformando os estados do Rio de Janeiro e São Paulo no eixo econômico do país, responsáveis por 50% da produção industrial neste período. Coube ao Estado promover a industrialização, transformando-se em investidor e responsável pela modernização econômica, através da concessão de financiamentos de longo prazo e taxas de juros baixas, quando não inexistentes, para o setor industrial. (MENDONÇA, 1986:13-27)

As cidades passam a ter cada vez maior importância na vida econômica e social do país. Principalmente porque as relações no campo não foram modificadas com a crescente industrialização. A pobreza dos trabalhadores rurais, resultado da concentração fundiária e do uso maciço da agricultura para fins de exportação (café), persistiu. A população rural foi alijada do jogo do poder, o que permitiu que se mantivesse o monopólio da terra, e que uma categoria numerosa de trabalhadores rurais continuasse a utilizar pequenos lotes insuficientes para assegurar o sustento familiar. A situação dos trabalhadores rurais e pequenos produtores agrícolas do país pouco se modificou entre os anos 30 e 50.

No que se refere à indústria, a transformação foi grande, a política do governo Vargas conseguiu que a taxa média da produção industrial brasileira crescesse entre 1939 e 1952 cerca de 8,3% ao ano. A partir de então as cidades brasileiras se transformam rapidamente. Se, em 1950, 36% da população viviam nas cidades, a década terminará com 45% da população

aglomerada nas zonas urbanas. Entre 1940 e 1950, o aumento geral de empregos foi de 17%, sendo que o aumento específico de mão-de-obra industrial foi de quase 80%. Enquanto a população aumentou em 45% entre 1940 e 1950, as indústrias de bens de consumo no mesmo período tiveram um aumento de 196%. Em 1940, 80% da mão-de-obra empregada trabalhavam na agricultura; em 1950 este número se reduz para 72,6% e a indústria passa para 18% de mão-de-obra empregada. Estes dados mostram-nos a grande virada industrial que se deu no período, produzindo uma grande migração do campo para a cidade. (PINTO, 1963:p.234)

O Rio de Janeiro, Capital Federal, era área predileta para os migrantes de todo o país. A população do Rio passou de 2.377.451, em 1950, para 3.281.908 habitantes, em 1960. Fator decisivo para a escolha do Rio, além de ser a Capital do país, foi o grande número de estabelecimentos industriais nela instalados: 4.158, três vezes maior que em todo o Estado do Rio de Janeiro, que contava com apenas 1.760 empresas em 1955. (MICELLI, 1980:150)

A população migrante e urbana não encontrando moradias a preços condizentes com seus salários habitam áreas de difícil edificação, mas próximas ao mercado de trabalho. No Rio estas áreas serão os morros, primeiro os do centro da cidade e, posteriormente os localizados na zona sul. Em 1950 a população favelada do Rio de Janeiro era de 7%, em 1960 10% dos habitantes do Rio são favelados. (IBGE: CENSO DEMOGRÁFICO 1950-1960)

Na cidade do Rio de Janeiro, a questão da oferta massiva de mão-de-obra e suas conseqüências; desvalorização do preço da força-de-trabalho e o aumento da marginalidade urbano serão acirrados pela queda do número de empregadores, tanto em termos absolutos (de 48.338 para 31.632) como relativos (de 5,8% para 2,7%). A eliminação do pequeno empreendedor no Rio se deu em escala muito significativa. Sem empregadores a ordem do dia era “se virar”, quem podia se transformava em autônomo gerindo seus próprios negócios. Para uma população ativa que cresceu em cerca de 40%, entre as décadas de 50 e 60, o número de autônomos aumentou em 65%. Tais dados confirmam-nos o fato de que as empresas não puderam absorver o afluxo ao mercado de trabalho urbano. (SINGER, 1986:32-33)

Aliada à falta de emprego surge outro sério problema para a população de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro, uma corrida imobiliária alucinante. Cerca de 20 bilhões de cruzeiros, 1/3 do meio circulante do país, foram investidos neste mercado nos anos 50. (MICELLI, 1980:165) As favelas começam então, a partir dos anos 50, a serem encaradas como problema sério e sua população começa a ser removida para longe do centro da cidade. A partir dos anos 60 o Estado intensifica a erradicação das favelas, removendo sua população para conjuntos habitacionais localizadas em subúrbios distantes do centro. Além disso o Rio de Janeiro perde seu *status* de Capital Federal. Problemas que se conjugam e, que são interpretados de formas variadas na película cinematográfica, ora irreverente, paródica, irônica, ora violenta, triste, denunciadora.

As mudanças ocorridas no País durante as décadas de 50 e 60 não foram somente de ordem econômica, a sociedade brasileira se modificou resultando numa grande efervescência cultural e artística, principalmente nas grandes cidades. Em termos cinematográficos, que é o que nos interessa aqui, teremos durante os anos 50, um fato inusitado, uma extrema popularidade dos filmes nacionais, com as chanchadas produzidas no Rio de Janeiro. Foi graças a elas que o cinema brasileiro conseguiu produzir 300 obras entre 1950 e 1960. (SILVA, 1976:22-27)

Enquanto os anos 50 foram de euforia, com o processo de modernização industrial e uma política desenvolvimentista em curso, o Brasil entrou na década de 60 apresentando sérios problemas: cidades inchadas, marginalidade urbana, desemprego, inflação e grandes distorções regionais, resultado do êxodo rural e de uma política que privilegiou a industrialização em detrimento do campo. Esta situação propiciou o surgimento de um cinema que tinha como principais objetivos: uma reflexão mais profunda sobre a sociedade brasileira; que desta reflexão resultasse uma transformação social e a denúncia das péssimas condições de vida da maioria de nossa população. Foi o chamado Cinema Novo, que conquistou prestígio no exterior e colocou o cinema brasileiro nos grandes festivais de cinema internacionais. Como a cidade do Rio de Janeiro aparecerá nestas duas cinematografias? Começemos com as chanchadas.

AS CHANCHADAS

O que foram as chanchadas? Um tipo de filme extremamente popular em que a reunião de tramas amorosa, policial e comédia intercaladas por números musicais levaram milhões de brasileiros ao cinema ao longo de 30 anos, das décadas de 30 aos anos 50, seu apogeu. Por que as chanchadas tiveram sucesso? Acreditamos que várias razões podem ser arroladas para explicar esta popularidade. Uma delas foi a forte identificação existente entre seus personagens e a maioria do público cinematográfico: as classes de média e baixa renda. Identificação facilitada pela linguagem utilizada nas chanchadas, onde se achavam presentes elementos do carnaval, do rádio e do teatro de revista. (CATANI, 1983:13) A música, principalmente, tinha um papel destacado nestes filmes, pois era o principal produto de nossa indústria cultural, bem ao qual tinha acesso grande parte da população via rádio, importante meio de comunicação de um Brasil pré-televisão. (GOLDFEDER, 1976:71)

Outro fator que facilitou à chanchada obter grande popularidade foi o ingresso barato de cinema. O Brasil tinha em 52 o sétimo ingresso mais baixo da América Latina, além de figurar entre os dez primeiros países quanto ao número de cinemas e ao total de espectadores, a cidade do Rio de Janeiro fechou a década de 50 com 300 salas. (FARIA, 1987:21)

Pelo censo de 1950, 28% dos moradores das áreas urbanas e suburbanas com mais de 20 anos eram analfabetos, porcentagem que passava para 67,8% nas áreas rurais, significando 7,3 milhões de alfabetizados nas cidades e apenas 4,7 milhões no campo, para uma população total de aproximadamente 50 milhões de habitantes. (SINGER, 1986:47) Para estas pessoas, as chanchadas eram a diversão mais conveniente. A cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, era a mais populosa no período, tornando-se cenário de inúmeras chanchadas. A principal produtora de chanchadas do período foi a Companhia Atlântida Cinematográfica, sediada na cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1941. Ela tornou-se uma verdadeira especialista em chanchadas ao descobrir a forma de explorar o mercado: voltar-se quase que exclusivamente para um público mais popular, se apoiando no teatro ligeiro e nos nomes conhecidos dos meios de comunicação da época pelos ídolos do rádio. (ORTIZ, 1988:70)

As chanchadas possuíam uma linguagem e uma interpretação de

mundo cujos pressupostos eram a paródia, a sátira e o deboche, elementos que punham em questionamento o *status quo*. As chanchadas, utilizando a comicidade, comentaram, satirizaram e criticaram certos aspectos da sociedade brasileira de forma bastante veemente como a falta d' água e de luz, de feijão, de dinheiro, a burocracia do funcionalismo público. Expunham uma visão irônica e popular da “alta sociedade”, eram filmes críticos que faziam um tipo de sátira muito ligada à vida cotidiana. Os problemas que alimentavam as situações e as piadas eram fatos do dia-a-dia como: “as cenouras aumentaram”; “o leite ficou mais caro”; “o trem atrasou”; “o salário ainda não saiu” etc. (VIEIRA, 1977:39) Elas conseguiram ser mais diretas e corrosivas do que muitas outras críticas, além de atingirem um público muito maior que a imprensa, ao considerarmos o analfabetismo do período.

O CINEMA NOVO

O movimento, conhecido como Cinema Novo reuniu diversos cineastas, gerou várias polêmicas, produziu vários filmes, livros e artigos. Denominamos Cinema Novo ao conjunto de filmes realizados durante os anos 60 no Brasil que tinham como principal objetivo expor a realidade brasileira, fazendo uso de uma linguagem cinematográfica original. Os realizadores afinados com estes princípios, os cinemanovistas, eram jovens universitários, amigos entre si muitas vezes, e que vinham de intensa atividade cineclubística, pessoas que antes de fazerem cinema, tinham refletido sobre a atividade e possuíam um conhecimento cinematográfico que ia para além do que era projetado nas salas comerciais. cremos que é a conjugação destes fatores, a responsável pelas transformações estéticas desenvolvidas na produção cinematográfica brasileira dos anos 60.

Mas o Cinema Novo não pretendia produzir cinema pelo cinema, o movimento incorpora toda uma reflexão sobre arte, sociedade e cultura que se iniciou nos anos 50 e adentrou os 60. Reflexão gerada pelas transformações econômicas e sociais resultantes de todo um processo de industrialização, modernização e urbanização que ocorreu no país àquele momento. Reflexão que levou para a representação artística os menos favorecidos. A presença das classes populares na arte brasileira produzida nos anos 50 e 60 foi uma constante. O movimento operário, que passou a exigir melhores salários e condições de vida, e seu contínuo processo de lutas,

exemplificado pela greve dos 300.000 em São Paulo em 1953 e pela criação da CGT (Central Geral de Trabalhadores) confirmam a existência de um proletário urbano, atuante e organizado que sabia reivindicar seus direitos. (HOLLANDA & GONÇALVES, 1982:9)

O surgimento deste proletariado urbano alterou a imagem do país. O Brasil caminhava para ter a maioria de sua população vivendo nas cidades. O artista vive em sociedade e sua concepção de mundo está inserida num contexto social. O cinema, assim como outros produtos artísticos, é transmissor das representações e dos sistemas sociais. (SORLIN, 1977:219) Ao final dos anos 50, surgiu um novo tipo de artista, “revolucionário” e “conseqüente”, acreditando na possibilidade da construção de uma cultura nacional. E para tanto, seria necessário desenvolver atividades de conscientização das massas populares. Mas, como incorporar estas massas, situá-las, no novo contexto urbano-industrial brasileiro? Uma parte da intelectualidade chamará a si a tarefa de elaborar um novo sentido para a participação sócio-cultural destas classes emergentes. Deu-se o aparecimento de todo um ideário preconizando a instrumentalização da arte, esta devia ter como principal função ser veículo conscientizador da população. Mas não somente isso, grande número de artistas e intelectuais desejavam participar, junto com estas classes, da transformação da sociedade brasileira. A arte que pretendiam fazer deveria contribuir para que as mudanças ocorressem.

Uma estética com tais proposições; a prioridade do conteúdo sobre a forma; a técnica não como um fim em si mesma, mas como meio de exhibir a realidade social; a não preponderância de uma subjetividade artística individualizada; a arte como meio de expressar uma verdade objetiva foi abraçada pelo Cinema Novo e, de uma maneira geral pela arte produzida no final dos anos 50 início dos anos 60.

Percebemos que, durante os anos 50-60 cultura e economia apareciam amalgamadas, alguns artistas desejavam, através da arte e da cultura, modificar a sociedade brasileira. Modificações estas que implicavam numa transformação econômica, pois propugnava por uma melhor distribuição das riquezas produzidas no país. Os filmes do Cinema Novo criticavam a miséria da maioria da população em contraponto à riqueza de uma minoria. Nos anos 60 fazer cinema ou arte de um modo geral no Brasil implicava não

somente a escolha de uma profissão. Os cinemanovistas realizaram filmes de grande originalidade estética, renovando e atualizando o cinema brasileiro. Era preciso fazer OUTRO CINEMA, com temáticas, personagens, tramas, linguagem e, se possível, até com formas de financiamento diferentes do que se tinha feito até então. A cidade do Rio de Janeiro aparecerá de outra maneira nestes filmes, o tom alegre das chanchadas é abandonado, a migração, a favelização, o desemprego e a precariedade dos serviços urbanos serão analisados como mazelas desesperadoras e injustas. Não há a sorte de heranças para aplacar a miséria; a falta de emprego não é percebida como malandragem de quem não quer nada, traduz-se agora em fome e falta de perspectiva. A polícia não é mais vista como elemento apaziguador de pequenos conflitos, mas sim como opressora dos mais pobres. As áreas turísticas são relevadas em segundo plano, surgindo a favela, seus barracos ameaçados de cair e a marginalidade que aí se esconde aterrorizando os moradores.

CONCLUSÃO

As visões que a chanchada e o Cinema Novo produziram da cidade do Rio de Janeiro foram bastante diferentes. Na chanchada a cidade aparecia de forma mais positiva. Já os espaços da cidade que surgem nos filmes do Cinema Novo, não são mais o bairro boêmio de Copacabana, ou as vilas do subúrbio onde ainda perdura um ambiente bucólico de cidade do interior, mas sim a favela. Estas duas visões de um mesmo espaço urbano é resultado de duas situações. A primeira é a questão sócio-econômica do país que produziu uma população urbana que não encontrava emprego, principalmente nos grandes centros. Marginalidade, desemprego, subemprego e favelização foram as conseqüências da industrialização acelerada por que passou o Brasil durante os anos 50. Tal quadro produziu uma nova cidade e, conseqüentemente, um novo olhar sobre ela.

A segunda é que o final dos anos 50 assiste ao surgimento de um novo tipo de artista, extremamente preocupado com a situação social, que pensa a produção artística não somente enquanto expressão do belo, mas, também como forma de denunciar as injustiças sociais: a existência de uma população miserável, habitante de um país subdesenvolvido, ao lado de grandes proprietários de terra e empresários industriais possuidores de

grandes fortunas. Estes dois olhares possuem algo em comum; o fato de focarem a atenção e darem destaque aos habitantes mais pobres da cidade. É por intermédio da exposição de suas alegrias, sofrimentos, esperanças, desilusões, que percebemos o quanto a cidade do Rio de Janeiro se modificou ao final dos anos 50 e início dos 60. Tanto o cinema alegre, irreverente, paródico e debochado da chanchada, quanto os filmes de denúncia social do Cinema Novo, onde as classes já não convivem de forma tão harmônica no espaço urbano carioca, voltem sua atenção sobre o dia a dia destes habitantes mais pobres do Rio, sobre a forma que estes encontram para marcar presença neste espaço cada vez mais modificado.

BIBLIOGRAFIA

- CATANI, Afrânio M. & MELO, José I. de – *A chanchada no cinema brasileiro*, São Paulo, Brasiliense, 1983
- GOLDFEDER, Miriam – “A cultura musical na década de 50” in REVISTA VOZES, Petrópolis, v.LXX, n.18, out/1976
- KRACAUER, Siegrified – *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988
- HOLLANDA, Heloisa & GONÇALVES, Marcos – *Cultura e participação nos anos 60*, São Paulo, Brasiliense, 1982
- MENDONÇA, Sonia Regina – *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*, Rio de Janeiro, Graal, 1986
- ORTIZ, Renato – *A moderna tradição brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1988
- PINTO, Luis Costa – “As classes sociais no Brasil” in REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Belo Horizonte, Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, v.III, n.1, mar/1963
- SILVA, Alberto – “(Re)visão da chanchada: o sentimento carioca” in FILME-CULTURA, Rio de Janeiro, n.20, jan/mar1976
- SORLIN, Pierre – *Sociologie du cinema*, Paris, Aubier-Montaigne, 1977
- SINGER, Paul – “Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento” in FAUSTO, Boris (org.) – *HGCB- III O Brasil Republicano 4 Economia e Cultura*, São Paulo, DIFEL, 1986